



# No fluir das águas

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Marcela de Lima Pereira

vinheta de abertura

Esses últimos meses foram tão corridos...

O semestre letivo se iniciando no fim de novembro; nas últimas semanas lidando então com o fim dele, ao mesmo tempo preparando a comemoração do aniversário da minha mãe querida, que apesar de online movimentou bastante por aqui.

Agora eu estou tentando descansar e, buscando colocar o podcast nesse clima, pensei em compartilhar com vocês basicamente um som, de que eu gosto muito, e que me evoca essa ideia. É o som de água corrente.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



É, mais especificamente, o som de uma espécie de riachinho aqui na minha cidade, Uberlândia, em Minas Gerais.

E aí eu me lembrei das águas do Jequitinhonha, a região que tem me inspirado no *Sensibilidades Antropológicas*, e então me lembrei também do Nego Bispo, quilombola piauiense.

Ele fala da tia-avó, que ele chama de Mãe Joana, e o que ela afirmava sobre os rios do céu. Rios que talvez não se encontrem na terra, mas que se encontram em vapor, nuvens e chuva pelos traçados do céu.

Pensei então que as águas que vocês vão ouvir correr, daqui da minha região, talvez se encontrem com as águas do Jequitinhonha, no céu.

Seria assim um modo meu de saudar aqueles arredores.

Além de uma maneira de convidar vocês a, quem sabe, se deixar embalar pelo fluir das águas da terra e os rios do céu.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



Às vezes a gente pouca para pra ouvir alguns sons, os próprios sons dos ambientes em que estamos, ou dos ambientes em que realizamos nossas pesquisas.

E como os sons nos informam, não é mesmo?

Ouvi-los pode ser um modo de afinar e afiar nossas sensibilidades antropológicas... perceber, estar presente também com nosso corpo e em nosso corpo.

Aprendemos muitas coisas importantes na academia ao longo da nossa formação antropológica, mas muitas coisas não são ensinadas - ou aprendidas - apenas pela razão.

É preciso sensorialidade.

Meu nome é Valéria de Paula Martins, eu sou antropóloga e professora na Universidade Federal de Uberlândia. Dedico esse episódio ao querido Paulo César Spyer Resende.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



som de água corrente

vinheta de encerramento